

Memórias de um jornalista potiguar no exílio

Daniel Dantas

Resumo

Este artigo reflete acerca da relação entre o jornal e a memória a partir de artigos assinados pelo jornalista Rubens Lemos que foram publicados pelo *Diário de Natal* por ocasião da passagem dos 40 anos do Golpe Militar de 1964. Os textos sob análise se constituem em registros de memória de um jornalista, testemunhando o fato de que a memória é mediada pela imagem do corpo inserido no contexto (cf. Bosi, 1994:44).

Palavras-chave:

Jornalismo, Mídia, Memória, História

Abstract

The present paper reflects on the relation between journalism and memory, analyzing articles signed by journalist Rubens Lemos, published by the *O Diário de Natal* in the occasion of the 1964 Military Coup d'état 40 years anniversary. The analyzed articles constitute memory records of a journalist. They show that memory is mediated by the image of the inserted body in the context (cf. Bosi, 1994:44).

Key words:

Journalism, Media, Memory, History

O jornal anota fatos, constrói à sua maneira a memória e, desse modo, faz a história de um povo. Ele é o veículo de conexão entre o passado e o presente, trazendo para o momento o registro das ações do homem na sociedade. Dessa maneira, o jornal participou na construção da modernidade, ao constituir a classe burguesa, servindo como meio de formação de opinião pública, como aponta Habermas (1984).

Elementos como estes estiveram subjacentes à publicação pelo *Diário de Natal*, no período de 1 a 8 de abril de 2004, durante a semana em que se passaram os 40 anos do Golpe Militar de 1964, de uma série de artigos do jornalista potiguar Rubens Lemos, morto em 1999. Os textos eram registros de memória de um homem que sofreu e testemunharam o que diz Bosi (1994: 44) sobre a memória ser mediada pela imagem do corpo inserido no contexto. Assim, a memória são as lembranças da ação do corpo. Rubens Lemos, desse modo, descreve o que viveu. Seu texto é representação, mesmo quando se propõe a perceber e analisar o momento histórico, já que na “realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (Bergson apud Bosi 1994: 46).

A questão das memórias

Ao se deparar com as suas memórias, o ser humano percebe que cada uma delas é mediada pela lembrança de seu corpo. As memórias do homem são representações de ações vividas pelo corpo. Dessa maneira, o corpo é elemento mediador de todas elas (Bosi, 1994: 44). Quando o sujeito se dispõe a recordar, relatando aquilo que viveu de importante, mediará a sua fala pelas ações que desenvolveu em outro tempo e local. Suas lembranças serão lembranças do que seu

Ao se deparar com as suas memórias, o ser humano percebe que cada uma delas é mediada pela lembrança de seu corpo. As memórias do homem são representações de ações vividas pelo corpo

corpo fez ou, melhor dizendo, do que ele fez com o seu corpo. Se a lembrança nos transporta pela memória do sujeito para outra época e para lugares diversos, tais viagens acontecem através do corpo daquele que lembra.

Mas essas ações não estão mais presentes. Elas não se realizam. Na verdade, são, agora, apenas representação. A lembrança, para Bergson citado por Bosi (apud 1994: 45), é uma percepção, mas se opõe vigorosamente à percepção atual. Na lembrança dispomos do espaço como na ação podemos dispor do tempo. Quer dizer, quando agimos no momento presente é o tempo que se desloca. Quando rememoramos, em nossa representação, o tempo pára e viajamos para outros espaços em nossos corpos. “O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista” (Bergson apud Bosi: 55).

Essas noções estão presentes nos textos de Rubens Lemos que nos propomos a analisar. O contexto da Ditadura Militar (1964 – 1985) é secundário na medida em que ela aflige, viola e violenta o seu corpo. O seu corpo, seu sofrimento, sua aflição são o principal em sua narrativa. As suas memórias apenas subsidiariamente apontam o Regime Militar. Nas suas memórias registradas, os presidentes ou os fatos sociais não são tão vívidos quanto o corpo que tem fome, que é torturado, que sofre e sangra no frio do gelo andino. A memória é uma ação como resposta que se transforma em representação.

Deve ficar claro, no entanto, que na enunciação escrita de memórias entram em cena fatores que devem nos fazer considerar o texto com certos limites. A intenção comunicativa

e expressividade (Bakhtin, 1997), por um lado, e o jogo dramático da representação do eu (Goffman 1985), por outro, podem ser tomados como exemplos desses fatores que apontam a inevitável omissão de lembranças, o seu recorte e o direcionamento específico do texto. O seu autor tem intenções e vai manusear a memória e a escrita para alcançá-las. O texto, assim, traz lacunas incontornáveis e é comprometido com a dramaticidade que lhe quer dar o autor, por motivos pragmáticos e ideológicos.

O jornal e a opinião pública

Segundo Habermas (1984), o jornal nasce na Modernidade como fruto do fortalecimento da classe burguesa e contribuindo efetivamente para isso. O jornal é o órgão por excelência para o desenvolvimento de uma opinião pública verdadeira, entendida como esfera pública politicamente ativa. A opinião pública é fruto da possibilidade de diálogo efetivo entre os cidadãos que pode conduzir à tomada efetiva de decisões políticas. É claro que, em se tratando de Idade Moderna, o universo da “esfera pública” era constituído de cidadãos privados: homens, burgueses que desejavam o exercício do poder.

A liberdade de imprensa é uma conquista desse período. Para que a opinião pública pudesse ser efetiva ela necessitava que os fatos políticos pudessem se tornar públicos. Nos dias do Estado Monárquico Absoluto, o que dizia respeito à esfera pública era o que ocorria com os reis e seus representantes, mesmo em suas alcovas e nas suas intimidades. Não havia, então, uma esfera pública coletiva e, muito menos, a publicidade de fatos relevantes para a política do Estado.

Com o fortalecimento da classe burguesa, a opinião pública fazia questão de ser

informada do que acontecia nos centros de decisões a fim de participar dessas mesmas decisões nos poderes democráticos instituídos na forma do Parlamento. Assim nascem os jornais na Era Moderna.

Quando o *Diário de Natal* publica, ao recordar a passagem dos 40 anos do Golpe Militar de 1964 (no período de 01 a 08 de abril de 2004), uma série de artigos de memória de uma das vítimas do Regime Ditatorial, contribui para a publicidade de fatos que devem informar uma opinião pública ativa. E devem levá-la a decisões efetivas a partir da discussão do que representou esse momento na história recente do Brasil.

Rubens Manoel Lemos nasceu em 1941, no sítio Pixoré, em Santana do Matos. Morreu em 04 de junho de 1999. Em sua vida, se envolveu desde cedo com a luta e a militância política, tendo sofrido prisões e torturas no Regime Militar.

Rubens Manoel Lemos nasceu a 7 de junho de 1941 no Sítio Pixoré em Santana do Matos, região central do Rio Grande do Norte. Fez o colegial no Atheneu e aos 16 anos foi para o Paraná, tentar a sorte. Aos 16 anos (sic) era chefe de reportagem do jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer, na sucursal paranaense. Nos anos 60, engajou-se em movimentos de esquerda contra o Golpe de 64. Voltou a Natal em 1965 para trabalhar (sic) como chefe de reportagem do *Diário de Natal*. Também apresentava um programa musical na Rádio Poti, quando começou a ser perseguido pela repressão devido às críticas que fazia ao regime militar. Fugiu para o Uruguai onde reencontrou o ex-prefeito de Natal Djalma Maranhão. De lá foi para o Chile onde viveu até 1973, ano do Golpe que derrubou o presidente Salvador Allende. Rubens Lemos conseguiu

Rubens Manoel Lemos se envolveu desde cedo com a luta e a militância política, sofrendo torturas no Regime Militar

fugir e voltou clandestino a Natal. Foi preso e torturado no DOI-CODI em Recife. Assistiu à morte do líder esquerdista José Carlos da Mata Machado, seu companheiro de cela. Nos anos 70, atuou como comentarista de futebol na Rádio Cabugi. Foi o primeiro candidato a governador pelo PT, em 1982. Ainda morou em São Paulo, Cuiabá e Londrina (PR). Morreu no dia 4 de junho de 1999, de hemorragia digestiva decorrente de cirrose hepática. (*Diário de Natal*, 01 de abril de 2004, Cidades, p. 5)

Dos sertões de Pixoré

Em *O queijo e os vermes*, Carlo Ginzburg (1987) tenta reconstruir, na medida do possível, a mentalidade coletiva das sociedades subalternas da Europa pré-industrial através da vida de Domenico Sandella, o Menocchio, um moleiro de Montereale, na região italiana de Friuli. Tal tarefa é dificultada pela falta de objetividade das fontes disponíveis. Os camponeses, em sua maioria, analfabetos, não escreveram qualquer coisa. O que existe de documento escrito foi o registro das classes dominantes a respeito desses subalternos. Ou, então, é fruto do trabalho arqueológico.

Mas Menocchio pôde falar ao longo de seus dois processos sofridos na Inquisição. E expõe muito bem as suas idéias e a sua mentalidade. Menocchio se apresenta como um personagem impressionante e cativante, especialmente devido à sua tremenda capacidade intelectual. Especialmente quando levamos em conta que em sua época todo monopólio do saber e do sentido cabia à Igreja. As suas formas de leitura independentes, a apreensão e difusão de suas conclusões fazem desse moleiro friulano um subversivo perigoso (Ginzburg, op. cit.).

Rubens Lemos também pôde falar. Também foi considerado subversivo por suas idéias e lutas. Também sofreu no corpo o esforço que as forças dominantes de sua época empreenderam para silenciá-lo. Seu relato é de força e pertinência porque trata das lembranças que ele ainda trazia em seu corpo.

Parte 1 (*Diário de Natal*, 01 de abril de 2004, Cidades, p. 5)

Rubens Lemos esclarece que os seus escritos são parte do projeto de um livro sobre sua vivência do período militar. “*Acima do Tempo e do Medo* é um livro que venho escrevendo desde 1974. (...) Acontece que livro é livro: pode sair ou não.” Este, nunca foi concluído.

O relato de suas memórias está centrado no seu próprio corpo. Suas lembranças de luta e de sofrimento se passam através da sua própria carne: “Sou um daqueles que viveram e sofreram as atrocidades cometidas contra o ser humano pelos esbirros e torturadores do regime que se implantara em 1964, no país.” No artigo inicial, Rubens resume o conteúdo dos textos que está apresentando a respeito de suas lembranças e vivências.

Era 1970 foi avisado por Odilon Ribeiro Coutinho, então candidato ao senado pelo MDB¹, de que estava sendo caçado e, inclusive, a sua casa e de sua sogra haviam sido invadidas pela Polícia. O texto de Lemos possui uma lacuna intransponível aqui. Por que ele estava sendo procurado? Que perigo ele representava para o Regime? O autor não se preocupa em responder essas questões.

“Fiquei escondido numa praia, durante quatro dias. E, na verdade, consegui romper o cerco que se estabelecera contra mim. (...) Quer eu quisesse, quer não, bateu dentro de mim uma coragem que nunca tive.” Passando, então, pela Paraíba, Rubens Lemos

¹ Movimento Democrático Brasileiro, único partido de oposição permitido pela Ditadura.

chegou ao Rio de Janeiro com algum dinheiro que lhe fora dado por Odilon Ribeiro Coutinho. E o texto passa a relatar a primeira das grandes privações do corpo. Com o dinheiro acabando (“já nas últimas”), Lemos decide procurar ajuda de “tio Chico”, irmão de seu pai.

Tão querido e solidário que, depois de lhe contar tudo e pedir abrigo, ‘por uns poucos dias’, ele respondeu: – Lamento muito, meu filho, mas eu não quero me envolver com essas coisas de subversão. Vá embora e Deus lhe abençoe.

Com fome, com raiva, quase sem dinheiro qualquer, mandei meu querido tio enfiar sua bênção em lugar impróprio e subi a rua Aragão Gesteira com gosto de morte e horror na boca.

A lembrança do tio está mediada pelo sofrimento do corpo. Fome, raiva e gosto de morte e horror na boca são as recordações que o autor tem do irmão de seu pai.

Parte 2 (*Diário de Natal, 02 de abril de 2004, Cidades, p. 4*)

O primeiro e o segundo artigo se ligam pelo encontro que o autor teve com Ney Leandro de Castro no Rio de Janeiro. “Ney Leandro de Castro diante de mim. E contei tudo: da minha situação clandestina, da minha fome e dos meus sonhos.”

O corpo agora se torna “agulha no palheiro da cidade grande. (...) Cartazes em toda parte: ‘Procura-se’. Muitos rostos conhecidos e eu me sentindo um deles”. Se o Rio de Janeiro andava tenso por causa do seqüestro do embaixador suíço, a quem Rubens não identifica, isso não importava. O que importa é a angústia da cidade, “principalmente,

dentro do meu peito. Eu andava sobre o ‘fio da navalha’, mas determinado: ‘Não me entrego vivo. Melhor morrer matando do que como boi manso indo pro matadouro’”.

Os encontros inesperados fazem parte constante das lembranças de Lemos. Primeiro Odilon Ribeiro Coutinho. Depois, Ney Leandro de Castro. Agora, em uma noite no Largo do Machado, na porta do cinema, encontro com um velho amigo da boemia natalense, Olinto Galvão. Após pedir ao amigo que avisasse sua esposa, Isolda, e Roberto Furtado² que sairia do país, começa a se preparar para isso, apesar da falta de dinheiro.

Erivan França³ descobre que o nome de Rubens está na lista dos mais perigosos e lhe dá dinheiro para que ele saia do Rio de Janeiro. Rubens vai para São Paulo em busca da ajuda de uma tia. “A lembrança do que me fizera Tio Chico, no Rio, me deixava inquieto. Mas resolvi tentar”. Após ouvir seu relato, a “tia Neném” lhe diz, sem titubear, que “fique o tempo que quiser”.

Rubens sente no corpo a diferença de tratamento entre seus dois tios. O acolhimento de sua tia é decisivo na sua luta por sobreviver ao Regime que o caça. A solidariedade é muito provavelmente motivada pela semelhança de situações: Gilvan, filho da “tia Neném”, também está sendo procurado pela Repressão.

Da casa da tia, Rubens passa, ajudado por jornalistas amigos, para uma pensão. E de lá, disfarçado de torcedor do Palmeiras, que iria jogar em Montevideú, ele fugiu para o Uruguai. “E assim, atravessei a fronteira. O Brasil ficava para trás. Natal era um mundo de saudades.”

A lembrança do corpo é o frio e é também o vinho que nele entra para esquentá-lo.

² Roberto Furtado, advogado, veio a ser vice-prefeito de Natal na gestão Garibaldi Filho (1985-1988).

³ Erivan França, deputado federal, foi cassado pelo Ato Institucional número 5.

O frio cortava quando o ônibus parou em frente ao hotel. Já era noite. No meu bolso, a passagem de volta que não poderia mais usar. Nos ombros, nenhum cansaço. No peito, toda a esperança. Um copo, dois, três de vinho. Outro, mais outro. E fui deitar fugitivo e bêbado. Afinal de contas, a realidade era dura. Dia seguinte, eu tinha de deixar o hotel pra (sic) não voltar.

No dia seguinte, Rubens se encontra com Djalma Maranhão⁴. Ao saber que está diante de um conterrâneo, o ex-prefeito expõe a sua profunda saudade. Rubens afirma que Djalma desejava ficar a sós com ele: “Era um conterrâneo que chegava, era um pedaço de Natal, um naco de carne de sol, uma mochila de feijão verde, um litro da água do mar da Redinha. E disso é que Djalma precisava naquela cidade fria e cinzenta de Montevideú.” Foi Maranhão quem ajudou Rubens Lemos a chegar ao Chile de Allende.

Parte 3 (Diário de Natal, 03 de abril de 2004, Cidades, p. 7)

A caminho de Santiago, capital chilena, Rubens rumou para Buenos Aires. “Antes de subir a escada do pequeno navio (...) recebi um longo e afetuoso abraço de Djalma Maranhão.” O afeto recebido também faz parte das lembranças do corpo em Rubens Lemos: “Nunca mais vi Djalma Maranhão, contudo guardei todos os gestos solidários que ele me ofertou.”

A memória não respeita cronologia. Ela apenas diz respeito ao que cumpre lembrar das circunstâncias e sentimentos experimentados no corpo e na alma. Assim, Rubens recorda que Djalma Maranhão o fez conhecer o presidente deposto João Goulart nos dias em que esteve em Montevideú. O ex-presidente

lhe doou três mil escudos chilenos e previu que os militares iriam demorar a entregar o poder. Em julho de 1971, em Santiago, Rubens soube da morte de Djalma Maranhão no Uruguai: “Morreu triste e estava só.”

Em março de 1971, Lemos desembarca em Santiago. “Santiago acabava de receber mais um brasileiro que, ao lado de milhares, buscava abrigo em terras chilenas, onde as ruas eram avenidas inteiras de liberdade.” O frio continua sendo marcante na memória do jornalista potiguar.

Rubens foi contratado como professor de jornalismo do Conselho de Desenvolvimento Social, ligado à presidência da República. Mas a experiência durou pouco e foi despedido. Não a tempo de evitar a chegada da esposa e do filho de colo, Rubinho⁵. Foram morar em uma vila distante da capital. Até que Rubinho adoeceu gravemente. O médico disse a Rubens que o menino dificilmente escaparia: “Não tive coragem de dizer nada a Isolda. Pude apenas ir até o muro da pequena casa proletária, onde me debrucei. E chorei. Chorei muito”.

O afeto recebido do ex-prefeito de Natal agora se transmuta em tristeza no corpo e na alma pela doença do filho indefeso, a quem Rubens não tinha tido muito tempo para conhecer e ser pai. A doença de Rubinho se reveste de maior importância no relato do que os fatos políticos que começam a se precipitar no Chile e culminam no Golpe de Pinochet em 11 de setembro de 1973. É como se esses fatos apenas constituíssem o cenário em que se desenrolam mais memórias de dor no corpo e na alma de Rubens Lemos, as lembranças do sofrimento do pequeno filho. Mas Rubinho sobrevive.

Com o golpe no Chile, Isolda e Rubinho voltam para o Brasil e são presos ao

⁴ Djalma Maranhão era prefeito de Natal e foi cassado por ocasião do Golpe de 1964. Foi o responsável pela implementação do revolucionário projeto de educação “De pé no chão também se aprende a ler”, conduzido pelo educador Paulo Freire.

⁵ Rubens Manoel Lemos Filho é hoje Secretário de Comunicação Social do Governo do Estado do Rio Grande do Norte.

desembarcarem no Rio de Janeiro. São liberados mediante a intervenção de Erivan França. “Lá de longe, ao pé da fria e gigantesca Cordilheira, eu gritava a minha revolta. Sem nenhuma resposta. Foi uma noite de pesado e amargo silêncio”.

Parte 4 (Diário de Natal, 04 de abril de 2004, Cidades, p. 15)

Rubens se vê clandestino novamente. Desta vez, no Chile de Pinochet⁶. Os brasileiros têm acesso a documentos argentinos falsificados para deixarem o país, mas esses documentos precisam ser testados. Alguém precisava atravessar a fronteira e voltar. Rubens foi o escolhido.

Rubens foi para a região de Valdívia, fronteira com a Argentina. O corpo começa a sofrer demais na travessia a pé da Cordilheira dos Andes:

Frio intenso. (...) Foram três dias e três noites. O menino de Pixoré virava Quixote, mas, na realidade era Sancho Panza. Frio no corpo, medo na alma e coragem no coração. Uma coragem naturalmente compulsória. Não havia retorno. Era o tudo ou nada. Era a minha vida e a vida de vários brasileiros que estavam em jogo.

O frio é memória constante nos relatos de Rubens Lemos, está sempre lá: “Nunca imaginei que o frio provocasse tanta sede”. E o corpo, que era “agulha no palheiro” no meio do Rio de Janeiro, agora se torna “pequena formiga no meio da monstruosamente bonita Cordilheira”. Quando volta de sua “expedição”, Rubens tem identidade falsa: “Túlio Lins Monteiro”.

Rubens decide voltar a Natal para conhecer a filha Yasmine⁷ que acabara de nascer.

“Saí de Santiago e cheguei a Córdoba, na Argentina. A febre me corroia”. O trajeto da fuga foi de Córdoba até Assunção e da capital paraguaia à chegada em Ponta Porá (MS). Uma nova identidade (“Edson da Silva Neves”) e passagem para São Paulo. De lá, a entrada em Natal, clandestino, para conhecer a filha. Até que a delação o leva preso. “As algemas foram colocadas. (...) Atravessei o portão da Colônia Penal (...). O circo de horror começava”.

Parte 5 (Diário de Natal, 06 de abril de 2004, Geral, p. 7)

A primeira noite na Colônia Penal foi em um colchão velho conseguido pelo diretor, que lhe garantiu a integridade de Isolda. “No silêncio da noite, a realidade ia se tornando muito clara (e dura) para mim: aquilo tudo era o início, apenas o início. O começo de uma longa e penosa caminhada. (...) Eu sabia que o pior estava a caminho”.

Foram oito dias de completo isolamento, depois dos quais Rubens e a esposa foram conduzidos para a Polícia Federal. Agentes tentavam levá-lo a assinar uma declaração “negando tudo” e o chantageavam ameaçando a segurança de sua esposa e de seu filho.

Foi um momento duro. Terrível. Eu que amava a todos, eu que cortara os pés, enfrentando perigos, apesar de todos os meus medos, para chegar a ela e aos meus filhos, surgia diante dela como um ser despido de qualquer sentimento. (...) Com o coração pesado, mas com certeza mais firme, virei-me para Isolda:

- Eles estão lhe jogando contra mim. Eles querem me degradar, mas eu não me degradarei. Não assino nenhum “arrepentimento”. Eu quero, um dia, poder continuar olhando dentro dos olhos dos meus filhos.

⁶ A rememoração de fatos por vezes é imprecisa. O texto de Rubens Lemos não foge a isso. Claramente, em seu quarto artigo, ele se refere a um período posterior ao Golpe Militar chileno de 11 de setembro de 1973. Mas confunde as datas. O texto começa: “Janeiro de 1973”. E já na parte final, repete: “Agosto de 1973”. Interessante que isso ocorra mesmo em se tratando de um texto escrito, o que pressupõe um cuidado e uma revisão mais acurados das informações dispostas.

⁷ Ana Yasmine Catarina Melo Lemos é hoje jornalista.

Após alguns dias, e depois da liberação de Isolda, Rubens foi transferido. “De novo, os agentes da Polícia Federal, algemas. Deixaram-me várias horas algemado, em posição incomoda.” O corpo cansado, suporte em que se registra a memória, se prepara para “apanhar muito”. Os piores momentos, as piores lembranças começam a ser destiladas no texto do jornalista: “(...) botaram óculos de borracha. Deitaram-me numa ‘Veraneio’”. E, junto com outro preso, “ex-companheiro de rádio”, foi para o “Circo de Horrores”.

Viajamos durante cerca de quatro horas. O óculo de borracha queimava meus olhos. As algemas apertavam, cortando meus pulsos. E a Veraneio parou. Fomos tirados. Meu corpo era uma dor só. Aos empurrões e pancadas fui levado para uma cela estreita e imunda. Não tinha a menor noção de onde estava. O carcereiro, de nome (ou codinome?) Valdeck, chegou:

– Tire a roupa. Prepare-se para apanhar, apanhar muito. Tá ouvindo, comunista de merda?

As algemas apertavam, os pulsos sangravam muito. Um grito lancinante penetrou cela à dentro. Meu corpo cansado sobressaltou-se. Os músculos ficaram tensos, retesados. Mais gritos. Depois, puro silêncio. Aí, comeci a compreender o que era o “ruído do silêncio”. Comecei a perceber a necessidade de estar com a cabeça no lugar, de nunca perder a lucidez. Isto seria a minha única condição de resistir aos horrores que não tardariam a chegar.

Três homens abriram a cela. Puseram-me um capuz e amarraram meus pulsos com cordas de náilon. E uma voz falou: “Vamos, filho da puta, sua hora chegou!”.

Parte 6 (*Diário de Natal*, 7 de abril de 2004, *Cidades*, p. 6)

No sexto artigo, Rubens esclarece que foi transferido para o DOI-CODI em Recife (PE). Recebeu a informação de um outro preso. As memórias são de sofrimento:

Fui levado através do que me parecia um longo e estreito corredor. Uma porta se abre. Empurraram-me com toda a violência possível. As mãos atadas, capuz sobre o rosto. Escuridão total, um breu só. (...) O silêncio era total e, acreditem, doía.

Nesse ponto o texto registra um processo interessante de rememoração dentro de uma rememoração. Rubens relata que naquele instante em que chega à cela passa a relembrar eventos e pessoas de sua infância e juventude. “Até que um grito estourou na escuridão: – Seu nome, cornol!”. Ele se identifica.

– Está querendo brincar, subversivo de araque! Eu quero seu nome de guerra, o nome da Organização, tudo, tudinho, entendeu?

– Não tenho nome de guerra.

Uma pancada violenta me atingiu a cabeça. Caí. De repente, chutes. Alguém pulou sobre a minha barriga. Vomitei. Puseram-me novamente em pé. A voz sádica do “doutor” Aníbal:

– Vamos fazer uma ligação direta neste sacana. Aí, ele vai ver que, aqui, não adianta ser macho.

Amarram-me a uma cadeira. Um fio foi amarrado no dedão do pé. E uma maquininha começou a funcionar. O choque elétrico. Era como formigas raivosas me penetrando. Depois, como labaredas queimando a alma. Gritei muito. A máquina parou. Os “doutores da lei” riam. Sem esperar, duas mãos

Rubens relata que naquele instante em que chega à cela passa a relembrar eventos e pessoas de sua infância e juventude

explodiram contra meus ouvidos. Um golpe terrível que me fez perder a noção das coisas. Em seguida, um soco fulminante no estômago. Desmaiei. Acordei pendurado tal qual um porco. Os pés sustentados em duas latas de óleo, que cortavam. As latas não suportavam o peso, caíam, e eu ficava apenas com a ponta dos dedos roçando o chão. Senti o cheiro da morte. Foi toda uma noite de tortura.

Nove dias sem alimentação, os três primeiros sem água. Torturas de toda espécie. Rubens “não podia ser indigno. Não poderia revelar nomes e fatos”. “Trinta e três dias depois, corpo massacrado, jogam dentro da cela um outro preso político.” E Rubens finalmente descobre que está em Recife. “As pernas me doíam muito. Estavam inchadas. Trinta e três dias sem ver a luz do sol, sem tomar um banho. As necessidades eram feitas numa garrafa plástica partida ao meio.”

O próximo que vai infligir sofrimento no corpo massacrado de Rubens Lemos é o delegado Sérgio Paranhos Fleury, ex-diretor da OBAN (Operação Bandeirantes) que, nos anos 60, caçava militantes de esquerda. A presença de Fleury indica que para o Regime aquele corpo destroçado pelas torturas resguardava segredos valiosos na luta contra os subversivos. “Eu estava diante do Delegado Fleury, que veio de São Paulo para me interrogar. E, antes de qualquer pergunta, me desferiu um violento soco no estômago. Caí, como um saco vazio.”

Os nomes dos torturadores aparecem entre as aspas do anonimato vil nas memórias de Rubens Lemos: “doutor Aníbal”, “doutor Fernando” – com seu discurso bíblico.

Fui torturado horas seguidas. E a pior tortura ocorreu quando puseram diante de mim

Rubens reúne forças e forma um coral com todos os prisioneiros e torturados, e a música se torna uma forma de resistência no DOI-CODI

um velho chamado Holanda, de Recife. Ele tinha o peito queimado por isqueiro. Um olho estava quase fora da órbita. Como se tivesse acontecido uma briga mortal entre galos. O velho Holanda me olhou, altaneiro:

– Irmão, eu sei que vou morrer, mas a ele não digo nada!

Diante dos torturadores, eu disse:

– Não, velho. Você não vai morrer. Mesmo que eles lhe matem.

Revoltado e corajoso, Rubens reúne forças e forma um coral com todos os prisioneiros e torturados, e a música se torna uma forma de resistência no DOI-CODI de Recife. “Apesar das ameaças do ‘Doutor Fernando’, coronel à época, cujo verdadeiro nome é Cúrsio Neto. Que torturava presos, lia a bíblia e, depois ia, possivelmente, fazer amor com as mulheres.”

Parte 7 (Diário de Natal, 8 de abril de 2004, Geral, p. 5)

Rubens Lemos relata que esteve 60 dias preso no DOI-CODI de Recife, quarenta e quatro deles sob tortura. “Dias de terror e solidão. Corpo dilacerado. Misturando medo e coragem, lágrimas escondidas por trás do capuz.” E Rubens fala sobre as mortes de Emanuel Bezerra, líder estudantil potiguar, e Mata Machado, dirigente do grupo guerrilheiro Ação Popular, ambas no prédio onde seu corpo foi dilacerado em Recife.

Rubens voltou para a Colônia Penal João Chaves, em Natal. “Os pés, a muito custo, sustentavam meu corpo estropiado. (...) As calças não se sustentavam no corpo esquelético.”

Em uma noite, presos invadiram a sua cela para executá-lo. Sem ter muito o que dizer, tomado pelo perigo, falou palavras pouco convincentes. Isso foi o suficiente

para que sua voz fosse reconhecida e sua vida salva pelos presos: “Nesse aí, pessoal, ninguém vai tocar. Rubens Lemos é gente de fé. Quem tocar nele, vai se entender comigo”.

Posto em liberdade, sofreu toda sorte de constrangimentos em Natal. Aguardando julgamento, foi “levado, seguidas vezes, às salas de interrogatório da Polícia Federal e do DOPS”.

Em seu relato, Rubens sofre quando fala sobre o filho Marcos Wilson que lhe repetiu a história ao ser preso em um assalto a banco em Salvador, em 1986. “Objetivo: angariar fundos para rumar à Nicarágua”, onde acontecia a Revolução da vez. Rubens se sentia, com a prisão do filho, “prisioneiro dessa ‘nova’ Democracia Brasileira”.

E o relato das memórias deste jornalista potiguar se conclui e ele assume que seu relato é representação, é memória: “Termino esta série de depoimentos. Que, é lógico, não estão completos, mas *representam* a essência de todo o período em que fui participante. Corajoso ou não. Busco com isso deixar meu testemunho. (...) Apesar das ameaças recebidas por telefone, prossegui” (grifo nosso).

Conclusão

O relato de Rubens Lemos é profundamente vívido, ainda que incompleto por suas omissões acidentais ou propositais. Mesmo assim, a vivacidade do texto o torna impactante aos seus leitores. Além disso, a realidade do sofrimento do corpo é incapaz de não produzir uma reflexão crítica acerca dos eventos relacionados à última Ditadura Militar brasileira.

O texto, por outro lado, centrado no registro das memórias do corpo, serve para confirmar aquilo que Bosi levanta como sua tese: as nossas lembranças são mediadas pelo nosso corpo. Fatos e pessoas históricas ficam em

segundo plano na narrativa daquelas coisas que deixam marcas profundas em corpos e almas. As memórias, como as de Rubens Lemos, são vividas quando o corpo está vividamente presente. E a presença do corpo que sofre no relato é facilmente perceptível.

Sobre o autor

Daniel Dantas, mestrando em Lingüística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
e-mail: danieldantas79@uol.com.br

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DIÁRIO DE NATAL, 01 de abril de 2004, Cidades, p. 5.
- _____.02 de abril de 2004, Cidades, p. 4.
- _____.03 de abril de 2004, Cidades, p. 7.
- _____.04 de abril de 2004, Cidades, p. 15.
- _____.06 de abril de 2004, Geral, p. 7.
- _____.07 de abril de 2004, Cidades, p. 6.
- _____.08 de abril de 2004, Geral, p. 5.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução Maria Betânia Amoroso, José Paulo Paes e Antonio de Silveira Mendonça. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

Anexos:

MEMÓRIAS DO EXÍLIO

PARTE I

RUBENS LEMOS

Dos sertões de Pixoré para o Chile de Allende

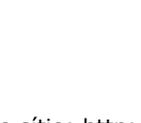
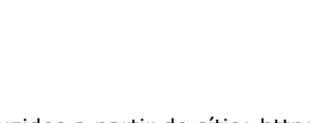


MEMÓRIAS DO EXÍLIO

PARTE II

RUBENS LEMOS

Fugindo ao cerco até o encontro com Djalma Maranhão



MEMÓRIAS DO EXÍLIO

PARTE III

RUBENS LEMOS

Jango me disse: "Os militares não entregam o poder tão cedo"






MEMÓRIAS DO EXÍLIO

PARTE IV

RUBENS LEMOS

Três dias e três noites de perigo na Cordilheira





MEMÓRIAS DO EXÍLIO

PARTE III

RUBENS LEMOS

MEMÓRIAS DO EXÍLIO

PARTE IV

RUBENS LEMOS

144

Fonte: Os anexos foram reproduzidos a partir do sítio: <http://diariodenatal.dnonline.com.br/>

146

MEMÓRIAS DO EXÍLIO

PARTE FINAL RUBENS LENDI

Minha morte havia sido decretada, mas eu fui "salvo pelo gongo"






EXPERIÊNCIA NA FRENTE

Quando eu era jovem, conheci um jornalista brasileiro que trabalhava em um jornal de São Paulo. Ele me contou que, durante a Segunda Guerra Mundial, ele foi enviado para a frente de batalha. Ele me contou que, durante a guerra, ele viu muitas coisas que ele não poderia contar para ninguém. Ele me contou que, durante a guerra, ele viu muitas coisas que ele não poderia contar para ninguém.

ALÉM DO VÍCIO

Quando eu era jovem, conheci um jornalista brasileiro que trabalhava em um jornal de São Paulo. Ele me contou que, durante a Segunda Guerra Mundial, ele foi enviado para a frente de batalha. Ele me contou que, durante a guerra, ele viu muitas coisas que ele não poderia contar para ninguém. Ele me contou que, durante a guerra, ele viu muitas coisas que ele não poderia contar para ninguém.

ALÉM DO VÍCIO

Quando eu era jovem, conheci um jornalista brasileiro que trabalhava em um jornal de São Paulo. Ele me contou que, durante a Segunda Guerra Mundial, ele foi enviado para a frente de batalha. Ele me contou que, durante a guerra, ele viu muitas coisas que ele não poderia contar para ninguém. Ele me contou que, durante a guerra, ele viu muitas coisas que ele não poderia contar para ninguém.

Fonte: Os anexos foram reproduzidos a partir do sítio: <http://diariodenatal.dnonline.com.br/>